

Amigo:

Pediste, na última aula que deste, que fizessem a crítica ao teu trabalho, a fim de no próximo ano poderes reger com maior proficiência a cadeira que tens a teu cargo - Biologia.

Tu pediste crítica e fizeste bem, a crítica é nos sempre necessária; todos os que te enviam a crítica, desde que seja bem intencionada, e isto embora possa ser imperfeita, fazem a sua obrigação. Eis porque escrevi estas linhas, para cumprir a obrigação que se me impõe. Certo é que esta crítica, se crítica se pode chamar, não está bem feita; no entanto a vontade foi boa.

— u —

O assunto que foi tratado nas lições é abrupto e incompleto, no entanto de começo foi bem explanado, sendo bastante interessante a comparação feita do corpo humano com uma fábrica. Porém porque razão se não continuou essas comparações nas lições subsequentes? Se o esqueleto tem sido o edifício onde se aloja a fábrica porque razão o cérebro não foi a gerência? mais, porque razão o aparelho circulatório não foi a central eléctrica distribuidora de forças, motoriz e o aparelho digestivo a recepção de abastecimento, etc.? Se o começo foi dentro duma orientação não se compreende o desvio dessa orientação, tanto mais que sob o ponto de vista pedagógico era excelente.

Justo é porém confessar-se que a fazer-dê-se desvio as lições foram tratados de forma a se tornarem o menos magar duas fórmulas, e se esse objectivo foi em parte conseguido; no entanto, nas lições sobre alimentação, isso não foi alcançado, já porque veio com a nota preliminar de "matéria aborrecida", já porque se observou o desvio acima citado. De facto a lição não teria sido interessantíssima se se tivesse feito a comparação das proteínas, dos hidratos de carbono e das gorduras com matérias finas? e as transformações que se fazem não poderiam ser comparadas com produtos derivados?



Veja-me foi intermédio dum exemplo: os amidos transformam-se em contacto com a ptialina em açúcar. Os amidos reagem o feno, a ptialina reage um alto-forno onde se dá a transformação em açúcar. Não se poderia por este processo ter feito uma lição interessante e agradável? Isso me rim.

— u —

Na lição em que foi tratado o abito, quanto a mim, não o foi como devia, nem tão analiticamente. Se bem me recordo foi dito que o abito, a-fesar-de ser venenoso, devia ser desulfado quando se trata das classes proletárias; faz, isso faz invencível o caso da condição económica não permitir o sustento de mais luas. Isto foi dito; porém, na boa e na realidade de todos os dias, tal não sucede. Inda que em onde mais se pratica o crime de abito, verificamos que é na classe denominada burguesia. Se fomos às classes proletária e camponesa, verificamos que é onde existem famílias mais numerosas. Em vista destes resultados e outros seremos forçados a concluir que onde a condição económica é mais baixa é na classe burguesa, ou seja, onde é demais que isto é um absurdo. De resto se lermos os modernos escritores, que se baseiam nas realidades, veremos alusão à refrigência que as classes pobres têm pelo abito; para não citar mais vai só o nome de Hamel da Fournes, que nos mostra bem o sacrificio que se fazem para dar vida à criança.

De resto o abito se faz praticado por um burguês, se faz um ofício, indica sempre falta de humanidade e ou deve então fazer enojar o ve hoje se conhece a sua vida. Depois estas considerações não que se torna completamente impossível defender o abito, se em que condições se faz.

— u —

Outras deficiências foram principalmente motivadas pela falta de material didático, tal como quadros burrais; porém, isto não pode ser objectivo desta crítica.

— u —



Seis elogios se impõem. Mas pela maneira desarrou-  
bada como foram atacados os arribos metafísicos Ale-  
xis Canel e Haraiou. O outro, e este deve por porem-  
te ser o maior, pelo esforço despendido, que só demon-  
tra amor pela cultura popular.

De

Helder David Dias de Almeida